

## **A Brazil Railway Company no Sul do Brasil: do imperialismo à Guerra do Contestado**

**Rafael Guindani Hunttmann**

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Fronteira Sul;  
Campus: Chapecó.  
ag.159.rafael@gmail.com

**Dr. Delmir José Valentini**

Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2009). Professor do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Fronteira Sul; Campus: Chapecó.  
valentini@uffs.edu.br

### **Introdução/Justificativa**

A atuação de empresas e capitais estrangeiros no Brasil é tema recorrente na história da Primeira República, não só pela sua relevância historiográfica, mas pelos impactos gerados nesse processo. Dentre vários casos passíveis de análise, o da empresa norte-americana *Brazil Railway Company* (BRC), financiada, em maior parte, pelo capital financeiro europeu, excede as determinações econômicas para um impacto social devastador nas regiões onde atuou. Falamos, em específico, do Meio-Oeste de Santa Catarina, denominado, historicamente, como Contestado. Trata-se de uma incursão imperialista em escala nunca antes vista no Brasil (TORRES, 2002), que incluía um completo sistema de exploração com “frigoríficos, projetos de colonização, madeiras e fazendas de gado [...] planejados ao longo [...] [das] ferrovias que se dirigiam para o interior a partir dos portos” (GAULD, 2006, p. 200).

Apesar da presença do capital estrangeiro ser de notório conhecimento na historiografia do Contestado, esta muito desconsiderou (não visando generalizações) a categoria “imperialismo” na construção do conhecimento desse tema. Tal fator se mostra na displicência em analisar de forma crítica o processo de expansão do capitalismo, que é dado historicamente pela irradiação da exploração de seus centros sobre novas regiões, então ‘atrasadas’, vistas como promissoras. Ora, não considerar (e dar ênfase à) essa categoria fundamental exprime, por um lado, certo

desconhecimento da dinâmica capitalista em sua lei de acumulação (vide MARX, 2017) ou, por outro, a tendência ideológica (vide ENGELS; MARX, 2005) em ponderar e relativizar as consequências do desenvolvimento capitalista pelo globo. Ora, como já disse Paul Baran (1972, p. 56) “a penetração das áreas atrasadas e coloniais pelas potências ocidentais – penetração que, esperava-se, deveria levar as bênçãos da civilização ocidental aos quatro cantos do globo – significou, na realidade, impiedosa opressão e exploração das nações subjogadas”. No Contestado, não considerar analiticamente esses termos significa abstrair das responsabilidades sobre as severas consequências sociais e econômicas o capitalismo em sua essência.

No Contestado, a partir de 1907, quando a BRC assume a construção do trecho da Estrada de Ferro São Paulo - Rio Grande (EFSPRG) entre os rios Uruguai e Iguaçu, as transformações na sociabilidade da região devidas à exploração das riquezas da terra e sua conversão em propriedade privada, deixou milhares de caboclos desalentados e pressionados a se retirarem (vide VALENTINI, 2015).

Sendo configurada num capitalismo ainda mercantil e competitivo regulado por grandes proprietários de terra criadores de gado, a relação entre as classes constituintes no Contestado se davam por relações de patriarcalismo, sem grande subjugação, em termos capitalistas, das classes inferiores (MONTEIRO, 1974). Com a chegada da BRC e do capital monopolista, ocorreu um salto nas relações econômicas e sociais numa proporção abissal, que não pôde ser acompanhada pela massa pobre camponesa (DIACON, 1991). O modo de exploração do Contestado pela BRC, através de sua filial *Brazil Lumber and Colonization Company*, levava em conta, primeiramente, a extração da madeira e, após isso, a preparação da terra para a venda a imigrantes europeus. Desse modo, ao invés de ser absorvida, a população camponesa cabocla passou a ser banida dessas terras.

Para Virgínia Fontes (2010), o período de recorte apresenta não mais o interesse das potências centrais (como era o caso da Inglaterra durante a maior parte do século XIX) em comercializar seus produtos, mas sim a exploração do trabalho e dos recursos dos países periféricos. Assim, a atuação do capital apresentou, como nunca antes, a pauperização das populações ‘atrasadas’.

O Contestado se exprime nesse contexto em um dos poucos casos no Brasil em que houve uma reação por parte da população afetada. Marli Auras (2001, p.17) considerou que as transformações decorrentes da incursão do imperialismo no Contestado – estas que para Todd

Diacon (1991) levaram a um “salto” na organização sócio econômica de um capitalismo mercantil e primitivo para o monopólio do controle produtivo e da terra –, conduziram a população então segregada do Contestado à organização da “irmandade” como “modo concretamente possível de dizer não ao avanço da ordem capitalista”.

A Irmandade Cabocla teve êxito considerável em sua reação, porém, quando os demais artificios a disposição do capital não exercem efeito desejável para a concretização de seu domínio, a violência, sempre presente, assume posto principal. A guerra de 1912 a 1916, especificamente após 1914, quando o Exército Brasileiro assume a tarefa de acabar com a horda de “fanáticos”, o “elemento pernicioso” que impedia o avanço da modernização, como afirmou o General Setembrino de Carvalho (1950) tido como principal responsável pela derrota dos sertanejos, consolidou por meio do massacre de aproximadamente 8 mil sertanejos pela pólvora e pela lâmina o sucesso capitalista.

## **Objetivo**

Abstrair as determinações que relacionam o capital imperialista do começo do século XX com a Guerra do Contestado.

## **Metodologia**

Para esse ensaio, realizamos revisão bibliográfica analisando qualitativamente a construção historiográfica do Contestado através da literatura teórica do materialismo histórico dialético e da economia política. Partindo da totalidade visível, ou seja, do que podemos observar amplamente sobre a forma e o funcionamento da estrutura social e econômica, identificamos as categorias do capitalismo imperialista do período e nos dirigimos às particularidades do contexto do Contestado, sendo que a articulação deste com o todo se dá pela empresa imperial-monopolista *Brazil Railway Company*.

## Resultados

Concluimos que o ocorrido no Contestado após a chegada da BRC em 1907 tem no imperialismo forte determinação para o início e desfecho do processo que pauperizou a região e a população pobre incapaz de ser incluída no projeto trazido pela companhia. Ora, a expansão do capitalismo para áreas onde as condições para seu funcionamento não estão inteiramente presentes, como no Contestado, que é nosso objeto, exige que estas sejam estabelecidas, o que se fez através da (1) propagação ideológica da ilusão de um desenvolvimento concreto (que incluía a totalidade social da região); (2) da instauração da propriedade privada; (3) exploração do trabalho e dos recursos de tais áreas; e (3) expulsão ou destruição dos que não se sujeitaram ou não eram desejados pelo modelo econômico.

## Referências

AURAS, Marli, **A Guerra do Contestado**: a organização da irmandade cabocla. 4. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2001.

BARAN, Paul. **A Economia Política do Desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

CARVALHO, Fernando Setembrino de. **Memórias**: dados para a História do Brasil. 1950. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/imagens/dossies/contestado/CARVALHOMarechalSetembrinode.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2019.

DIACON, Todd A. **Millenarian Vision, Capitalist Reality: Brazil's Contestado rebellion (1912 – 1916)**. Durham: Duke University. 1991.

ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. **A Ideologia Alemã**: Feuerbach – a contraposição entre as cosmovisões materialista e idealista. São Paulo: Martin Claret, 2005.

FONTES, Virgínia. **O Brasil e o Capital Imperialismo**: teoria e história. 2. ed. Rio de Janeiro: EPSJV/Editora UFRJ, 2010. p. 47.

GAULD, Charles A.. **O Último Titã**: um empreendedor americano na América Latina. São Paulo: Cultura. 2006.

MARX, Karl. **O Capital**. Livro I. São Paulo: Boitempo, 2017.

MONTEIRO, Duglas Teixeira. **Os Errantes do Novo Século**: um estudo sobre o surto milenarista

do Contestado. São Paulo: Duas Cidades, 1974.

TORRÊS, Alberto. **O Problema Nacional Brasileiro**. eBooksBrasil. 2002. p.?? Versão digitalizada da 3ª Edição. Disponível em: <https://www.ebooksbrasil.org/eLibris/torresb.html> Acesso em: 28 set. 2021.

VALENTINI, Delmir José. **Memórias da Lumber e da Guerra do Contestado**. Porto Alegre: Letra&Vida; Chapecó: Ed. UFFS, 2015.